

Brasileiros enfrentam problemas em Durban

France Presse

Com extensa delegação, muitos não conseguem vagas em hotéis e assentos na conferência

JOSÉ MARIA MAYRINK

Enviado especial

DURBAN – Os brasileiros vieram em massa para a 3.^a Conferência Mundial contra o Racismo, em Durban, cidade portuária sul-africana. A delegação oficial brasileira, que na terça-feira tinha 45 membros, chegou ontem a 154 pessoas, com a incorporação de dezenas de retardatários. Ao desembarcar aqui na última hora, a maioria enfrentou inesperados obstáculos para conseguir assento na conferência e vaga nos hotéis.

“Todos os que têm vínculo com o governo serão credenciados”, anunciou o diplomata Francisco Luz, coordenador do escritório de apoio à delegação brasileira. Foi essa a orientação que o ministro da Justiça, José Gregori, deu ao chegar à África do Sul na sexta-feira. Chefe da missão enviada à conferência, ele quase desistiu da viagem, por causa do sequestro do empresário Sílvio Santos.

A confusão provocada pela falta de hotéis e burocracia na instalação de tantos brasileiros deu muita dor de cabeça para Luz. Deslocado da Embaixada do Brasil em Pretória, ele montou uma eficiente logística para instalar os delegados em Zimbali, um sofisticado clube de golfe localizado a beira-mar, a 40 quilômetros do centro de Durban. Luz alojou em chalés-mansões, a US\$ 100 por apartamento, quem não conseguiu hotel. Em Zimbali está hospedada a vice-governadora do Rio, Benedita da Silva (PT). Ela trouxe o marido, o ator Antônio Pitanga, em sua comitiva de 36 pessoas.

A delegação brasileira tem cerca de 20 parlamentares, entre os quais o senador Geraldo



Fidel Castro classificou de genocidas os ataques de Israel aos palestinos e criticou Estados Unidos

Cândido (PT-RJ). O governador Ronaldo Lessa, de Alagoas, também era esperado, mas cancelou a viagem.

O desconhecimento da cidade levou vários brasileiros que recorreram a agências de turismo a se hospedar em zonas nada recomendáveis. Alguns têm conseguido remanejamento, mas são casos raros. Durban é uma cidade perigosa para forasteiros, pois os assaltos são frequentes. Não dá para confiar em motoristas de táxi (que não pegam passageiros nas ruas) e não há transporte coletivo razoável.

A psicóloga paulista Edna Roland, presidente do Movimento Fala Preta, hospedou-se inicialmente numa reserva flo-

restal a 83 quilômetros da cidade. Instalada na savana, de vegetação parecida com o cerrado brasileiro, a pousada transporta os hóspedes de caminhonete, dos apartamentos para o café da manhã no restaurante central, porque no território há

rinocerontes e hipopótamos soltos no parque. Eleita redatora da conferência contra o racismo, Edna transferiu-se para um hotel no centro.

Pelo menos dez passageiros vindos de

São Paulo perderam as malas entre os aeroportos de Guarulhos, Johannesburgo e Durban. A Varig e a South Africa conseguiram localizar algumas, mas ainda há gente comprando roupa para entrar na conferência

com um visual à altura.

Até a manhã de ontem, havia mais de 500 brasileiros credenciados. A maioria deles pertence a ONGs que vieram a Durban para os fóruns paralelos à programação da conferência. Os negros e as mulheres foram aqueles que mais se interessaram pelos debates, em todos os setores. Os índios compareceram em pequeno número, uma delegação quase simbólica. A representante da comunidade indígena é a índia Azelene Kai-gang, do Rio Grande do Sul, membro do comitê nacional que trabalhou nos temas trazidos a Durban.

A participação de uma delegação tão numerosa preocupa Portugal, porque o governo de Lisboa tem medo que os brasileiros, especialmente os índios e os negros, exijam indenizações pelo tratamento que sofreram durante o período colonial.

COMITIVA
DE BENEDITA
TEM 36
PESSOAS